



ÁLVARO CUNHAL
POLÍTICA, HISTÓRIA E ESTÉTICA



**ALVARO
CUNHAL**
POLÍTICA, HISTÓRIA
E ESTÉTICA

COORDENAÇÃO
José Neves

André Barata, Fernando Oliveira Baptista, Fernando Rosas,
Frederico Ágoas, João Arsénio Nunes, João Madeira, José Luís Garcia,
José Neves, Luís Andrade, Manuel Deniz Silva, Maria Alice Samara,
Maria-Benedita Basto, Miguel Cardina, Miguel Cardoso, Raquel
Pereira Henriques, Ricardo Noronha, Rui Bebiano, Victor Pereira

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X I I I

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| Nota de apresentação | 9 |
| Álvaro Cunhal, história e comunismo | 11 |
| <i>José Neves</i> | |
| Ética, vontade e política. Os anos de aprendizagem de Álvaro Cunhal | 23 |
| <i>João Arsénio Nunes</i> | |
| Os três caminhos de Álvaro Cunhal. Notas breves sobre a história do PCP | 43 |
| <i>Fernando Rosas</i> | |
| Álvaro Cunhal e a tradição frentista. Singularidades, persistências e limites | 55 |
| <i>João Madeira</i> | |
| Álvaro Cunhal em Paris. Internacionalismo, exílio e emigração | 67 |
| <i>Victor Pereira</i> | |
| À volta do «radicalismo pequeno-burguês» | 79 |
| <i>Rui Bebiano, Miguel Cardina</i> | |
| «O dobre de finados dos grupos monopolistas». Luta de classes e economia em Álvaro Cunhal | 91 |
| <i>Ricardo Noronha</i> | |
| Socialismo e agricultura. A <i>Questão Agrária</i> de Álvaro Cunhal | 103 |
| <i>Fernando Oliveira Baptista</i> | |

© 2013, autores e
Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Álvaro Cunhal – Política, História e Estética*

Coordenação: José Neves

Autores: André Barata, Fernando Oliveira Baptista, Fernando Rosas,

Frederico Ágoas, João Arsénio Nunes, João Madeira, José Luís Garcia,

José Neves, Luís Andrade, Manuel Deniz Silva, Maria Alice Samara,

Maria-Benedita Basto, Miguel Cardina, Miguel Cardoso, Raquel Pereira

Henriques, Ricardo Noronha, Rui Bebiano, Victor Pereira

Revisão: Tinta-da-china

Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Outubro de 2013

ISBN 978-989-671-179-5

Depósito Legal n.º 364 916/13

| | |
|---|-----|
| «Forçar a natureza a dar o que espontaneamente jamais daria». Notas sobre acção, técnica e natureza em Álvaro Cunhal | 119 |
| <i>José Luís Garcia</i> | |
| «Abaixo da linha de miséria». Anatomia de um gesto científico-social em Contribuição para o Estudo da Questão Agrária | 135 |
| <i>Frederico Ágoas</i> | |
| Álvaro Cunhal. A história e os historiadores | 151 |
| <i>Luís Andrade</i> | |
| Do ouvido sensível ao havido que incomoda. A propósito das «Cinco notas sobre forma e conteúdo» de Álvaro Cunhal... .. | 161 |
| <i>Maria-Benedita Basto</i> | |
| Cinco notas sobre o pensamento estético de Álvaro Cunhal | 173 |
| <i>Manuel Deniz Silva</i> | |
| As Mãos e as Mãos, ou a Sorte dum Mundo. O estético e o político na «polémica interna do neo-realismo» | 187 |
| <i>Miguel Cardoso</i> | |
| Reler <i>O Partido com Paredes de Vidro</i> | 203 |
| <i>André Barata</i> | |
| Os Camaradas Sem-Nome. Militância e resistência quotidiana | 213 |
| <i>Maria Alice Samara, Raquel Pereira Henriques</i> | |
| Siglas | 222 |
| Notas biográficas | 225 |

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Nenhum dos dezasseis textos que se seguem necessita de introdução prévia. Cada qual fala por si e o leitor poderá ler este livro sem respeitar a sequência que lhes atribuí. De resto, estas brevíssimas palavras de apresentação pretendem tão-somente dizer dos motivos por que quis organizar este volume. Fui militante do Partido Comunista Português na década de 1990 e há alguns anos terminei um doutoramento sobre comunismo e nacionalismo em Portugal. No centenário do nascimento de Álvaro Cunhal, duas razões me levaram a participar dos esforços destinados a assinalar a efeméride. Em primeiro lugar, várias instituições portuguesas têm votado o acontecimento a um silêncio que julgo necessário contrariar. Em segundo lugar, creio ser possível acrescentar algo de novo ao modo como – a despeito daquele silêncio – Cunhal vem sendo retratado por quem dele nos tem falado.

Nos retratos de Álvaro Cunhal que têm sido traçados por ocasião do centenário do seu nascimento, o percurso de uma vida tende a ser encerrado na imagem de uma estátua que deveríamos contemplar, simplesmente injuriando ou idolatrando a sua figura. Contra esta tendência, é preciso elaborar discursos sobre o passado que, não podendo deixar de ser apaixonados, nem se desejando tão-pouco que deixassem de o ser, ambicionem relacionar-se criticamente com os seus objectos. Foi com este propósito que desafiei um conjunto de autores – com diferentes visões acerca do passado, do presente e do futuro – a escreverem sobre Álvaro Cunhal e o seu/nosso tempo. O livro que o leitor tem agora entre mãos permitirá descobrir novos fragmentos do trajecto de Cunhal e, ao mesmo tempo, trazer de volta – mas agora à luz de inquietações presentes – debates dos anos da resistência antifascista, da Revolução de Abril ou do período final da URSS. Os autores dos ensaios são historiadores dedicados à história de Portugal no século xx e estudiosos provenientes de disciplinas como a sociologia, os estudos literários ou a filosofia. A todos – assim como à equipa da Tinta-da-china – muito agradeço que tenham aceite o desafio.

José Neves

ÁLVARO CUNHAL, HISTÓRIA E COMUNISMO

JOSÉ NEVES

À memória do Alex

Álvaro Cunhal partilhava uma ideia de história em que a figura do «grande homem» – esse de cuja vida caberá ao biógrafo dar testemunho e de cuja vontade se diz ter dependido a sorte daquela nação ou daquele povo – era pouco valorizada. É, no entanto, à luz dessa mesma figura que, na maioria das vezes, Álvaro Cunhal nos tem sido dado a ver.

A tendência não é recente. À medida que assumiu um papel de destaque no seio do PCP – de finais da década de 1930 em diante –, Cunhal foi objecto de atenção e cuidado sempre especiais. Entre os militantes anónimos, houve quem lhe dedicasse versos de homenagem e quem aos descendentes desse o seu primeiro nome; e junto dos círculos dirigentes do movimento comunista internacional, de cujos cálculos a situação portuguesa poucas vezes

participou, a opinião de Cunhal não era simplesmente tida como uma entre outras.

Também existiram, é certo, esforços de sinal contrário. Mas, não raras vezes, resultaram mais ambíguos do que os seus autores pretendiam. Veja-se a perseguição a que Cunhal foi submetido pelo regime de Oliveira Salazar e de Marcelo Caetano. Se estes pretenderam renegar o dirigente comunista, ao tomarem-no como encarnação do Mal, igualmente o investiram de um enorme poder simbólico, que outros acabaram por reconduzir à figura de Cunhal enquanto singular exemplo, se não simplesmente do Bem, de uma noção de Ética ou de Moral sempre escrita com maiúscula.

Os próprios esforços de Álvaro Cunhal em contrariar o engrandecimento da sua figura parecem ter fracassado, como se razão tivesse quem nesses esforços quis reconhecer não a vontade de Cunhal se dar a ver como uma pessoa comum, mas intenção precisamente oposta. A recusa de Cunhal escrever um livro de memórias ou declaradamente autobiográfico, as reservas quanto à divulgação da vida pessoal, o desejo que do seu corpo nada mais restasse senão cinzas a serem espalhadas pelo cemitério onde foi incinerado – não deixando assim um túmulo que motivasse a peregrinação de fiéis –, todos estes elementos foram e são frequentemente tomados como indício de uma «superior inteligência». Como se, a coberto de uma suposta «falsa» humildade, Cunhal astuciosamente nos induzisse a um culto tanto mais eficiente quanto subliminar da sua própria personalidade².



É, pois, sem surpresa que, desde a sua morte em 2005, aos 91 anos de idade e com mais de uma década passada nas prisões do fascismo, vemos Cunhal tornar-se um objecto predilecto de quem se vem ocupando da representação do passado. Iniciada ainda no seu tempo de vida, a publicação em quatro volumes da primeira biografia histórica do dirigente comunista constituiu um dos mais relevantes acontecimentos editoriais do Portugal das últimas décadas³. Por outro lado, a televisão, os seus produtores e o seu público fizeram de Álvaro Cunhal um «Grande Português». E, finalmente, ao passar agora um século sobre o seu nascimento (Álvaro Barreirinhas Cunhal nasceu em Coimbra em Novembro de 1913), a direcção e os militantes do PCP levam a cabo um vasto programa de comemoração da vida do seu líder histórico.

Estes tantos olhares que se projectam sobre Cunhal têm permitido averiguar em detalhe vários aspectos do seu percurso. São olhares diferenciados. Enquanto um primeiro historiador pretende realizar uma biografia política, um seguinte procurou – com a bênção de familiares de Cunhal – levar-nos a conhecer aspectos mais íntimos do seu passado⁴. Em ambos os casos, porém, a convergência de tantos olhares na figura de Cunhal não apenas nos mune de numerosa informação a respeito do indivíduo, como potencia o risco de esquecermos aqueles que, ao longo da história do PCP, se opuseram a Cunhal – desde logo, personagens como Júlio Fogaça ou Francisco Martins Rodrigues. Quer a história quer a memória parecem quase

sempre mais inaptas a rezar pelos vencidos do que pelos vencedores, mesmo que estes sejam – é o caso de Cunhal – vencedores entre vencidos.

Acrescente-se, ainda, que a extraordinária atenção em torno da figura de Álvaro Cunhal não só reduz a notoriedade de outros dirigentes comunistas do século xx português, como igualmente incorre no risco de alimentar o esquecimento de inúmeros militantes comunistas que partilharam uma condição anónima. Na maioria dos relatos acerca do passado comunista, estes militantes são simplesmente ignorados, ou tendem a ser embrutecidamente amassados numa identidade colectiva, de que o povo, a classe ou o partido vão sendo alternadamente nome⁵.



Existem pelo menos duas hipóteses estratégicas que nos poderão permitir contrariar os efeitos de invisibilidade e embrutecimento que acabámos de enunciar. A primeira, que este texto manifestamente não cumpre, é fazer a história do comunismo no século xx seguindo outra via que não a delineada pelo próprio trajecto de Cunhal⁶. A segunda hipótese, que aqui se pretende começar a desenvolver, passa por começarmos a olhar para esse trajecto de modo diferente. Dispensando, desde logo, ser guiados pela luz que emana da figura do «grande homem».

Todas as questões que um historiador coloca ao passado dizem tanto desse passado como do presente em que o historiador se encontra. Veja-se o caso do mais mediático dos biógrafos de Cunhal, José Pacheco Pereira. No seu per-

curso de investigador, quase sempre tomando a história do movimento operário e do socialismo como território privilegiado de estudo, começou por desenvolver pesquisa em torno das lutas operárias, fazendo de um actor colectivo o protagonista maior da sua narrativa; o historiador tinha então 22 anos de idade e uma visão marxista do mundo⁷. Já quando começou a realizar a biografia de Cunhal, o posicionamento político-ideológico de Pacheco Pereira era diferente; a sua passagem pela esquerda liberal, a caminho do centro-direita, tê-lo-á afeiçoado às perspectivas individualistas que quase sempre enformam o género biográfico.

Entretanto, sabemos também que a circunstância de olharmos um objecto a partir de um ponto de vista inelutavelmente subjectivo não compromete apenas os historiadores. Que a PVDE, nos seus primeiros relatórios sobre Cunhal – informada que estava de que o jovem militante dava explicações de marxismo a outros militantes –, o classificasse como um «técnico»⁸ tanto nos diz sobre as práticas doutrinárias das juventudes comunistas em finais dos anos 1930, como deixa pressentir o entendimento tecnocrático da política caro a uma parte importante do regime. Ou, segundo exemplo, que a direita portuguesa ainda hoje faça questão de reconhecer a «inteligência» de Cunhal tanto nos diz sobre as qualidades do dirigente comunista como indicia os critérios que essa direita prefere tomar como seus na hora de atribuir a outrem o direito à história.

Dito de outra e mais abreviada forma: ser ou não ser um «grande homem» é uma questão que não nos é imediatamente colocada pelo passado de Cunhal, mas um assunto de que podemos escolher ocuparmo-nos ou não, sendo

que esta escolha é invariavelmente mediada pelo lugar em que nos encontramos e a partir do qual olhamos para o que nos é exterior.



Duas breves referências talvez ajudem a sinalizar, então, alguns dos contornos do lugar de onde este mesmo texto é escrito.

A primeira diz respeito à minha proximidade a correntes políticas que têm procurado repensar as ideias comunistas e a tradição revolucionária, repudiando qualquer propensão centralista e hierárquica. Manifesta na forma do partido de vanguarda, do aparelho de Estado ou da orgânica empresarial – e para não mencionarmos sequer estruturas familiares e leis religiosas –, tal propensão muitas vezes culmina na naturalização e no culto da figura do líder ou do chefe⁹.

A segunda referência diz respeito à minha exposição a uma historiografia tendencialmente crítica dos historiadores que olham o passado à luz da ideia de identidade.

De tal historiografia participam trabalhos renovadores da história dos sujeitos colectivos, com destaque para o contributo de E.P. Thompson, que propôs uma leitura do passado operário que fez caminho contra duas tendências. Por um lado, Thompson criticou uma história da classe operária que a imaginava à semelhança das ideias políticas a ela associadas. Contra esta imagem de uma classe cuja politicidade determinaria o processo histórico, Thompson afirmou que deveriam ser mais valorizadas as dinâmicas

relacionais da classe e menos considerada a sua presumida identidade político-ideológica – e neste sentido pediu-nos para pretermirmos nas nossas histórias o uso do conceito de consciência de classe em benefício do de luta de classes. Por outro lado, Thompson mobilizou-se contra um outro tipo de relato do passado operário, contra uma história que configurava os operários enquanto peças – ainda que humanas – da grande máquina industrial capitalista. Contra esta história em que as razões da história da classe eram determinadas a partir das condições económicas em que essa história ocorreria, considerou Thompson que a classe também se formava a si mesma nas suas experiências passadas e presentes de vida, trabalho e luta. E não sendo a classe simplesmente produzida por mecanismos económicos, haveria que melhor entender a autonomia dos processos culturais e a dimensão moral da economia¹⁰.

De uma historiografia tendencialmente crítica da história, que olha o passado à luz da ideia de identidade, participam também contributos relativos à história dos sujeitos individuais. Trabalhos de Pierre Bourdieu ou Norbert Elias – o primeiro, denunciando a «ilusão biográfica», o segundo, aludindo a uma «sociedade de indivíduos» ou obrigando a figura do génio à sua própria sociologia – levam-nos a sempre suspeitar da naturalidade da figura do indivíduo. E esta suspeita, a contrapelo da coerência e consistência que tal figura tantas vezes impõe ao relato de uma vida, convida-nos a interrogar os sentidos do trajecto histórico de um sujeito, individual ou colectivo que ele seja. Em termos próximos de Michel Foucault, esta interrogação pode ser descrita como parte de uma operação de desmonumentalização¹¹.

NOTAS BIOGRÁFICAS

ANDRÉ BARATA é professor na Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, investigador no Instituto de Filosofia Prática dessa universidade e investigador no Laboratório de Filosofia Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou recentemente o livro *Primeiras Vontades. Da liberdade política para tempos árduos*.

FERNANDO OLIVEIRA BAPTISTA é actualmente professor aposentado do Instituto Superior de Agronomia. Publicou o artigo «Marxismo e agricultura, *A Questão Agrária*, de Karl Kautsky» (*Vértice*, II série, n.º 85, 1998) e o livro *O Destino Camponês*.

FERNANDO ROSAS é professor catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Publicou recentemente o livro *Salazar e o Poder – A arte de saber durar*.

FREDERICO ÁGOAS é doutorado em Sociologia pela Universidade Nova de Lisboa e é investigador no CesNova da FCSH-UNL e no Departamento de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos de Birkbeck, na Universidade de Londres. Publicou recentemente «Narrativas em perspectiva sobre a história da sociologia em Portugal» (*Análise Social*, n.º 206, 2013) e «Estado, universidade e ciências sociais: a introdução da sociologia na Escola Superior Colonial» (em *O Império Colonial em Questão*).

JOÃO ARSÉNIO NUNES é professor aposentado do ISCTE-IUL e investigador associado no CEHC-IUL. É autor de diversos trabalhos dedicados à história do PCP e da Internacional Comunista e de dois volumes de lições de história do século xx aos alunos da licenciatura em História do ISCTE (publicação policopiada, Danka-ISCTE, 2004, 2007).

JOÃO MADEIRA é investigador do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL, doutorado em História Institucional e Política Contemporânea. Autor de *Os Engenheiros de Almas: o Partido Comunista e os intelectuais (dos anos trinta a inícios de sessenta)* e de *1937, o Atentado a Salazar*. Foi coordenador (com Luís Farinha e Irene Pimentel) do livro *Vítimas de Salazar – Estado Novo e violência política*.

JOSÉ LUÍS GARCIA é doutor em Sociologia pela Universidade de Lisboa. É investigador no quadro do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e tem leccionado em várias universidades portuguesas e estrangeiras. A sua bibliografia mais recente inclui a co-edição dos livros *Jacques Ellul and the Technological Society in the 21st Century*; *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses. Metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI*; e *Razão, Tempo e Tecnologia: Estudos em homenagem a Hermínio Martins*.

JOSÉ NEVES é professor auxiliar no departamento de História da FCSH-UNL e investigador no Instituto de História Contemporânea dessa universidade. Entre outras publicações, escreveu o livro *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, cultura e história no século xx* e coordenou as obras *Como se Faz um Povo. Ensaios para a história do Portugal contemporâneo* e, com Bruno Peixe Dias, *A Política dos Muitos. Povo, classes e multidão*.

LUÍS ANDRADE é professor auxiliar no departamento de Filosofia da FCSH, coordenador do Seminário Livre de História das Ideias e investigador no CHC-UNL. Entre os estudos de sua autoria, encontram-se *Intelectuais, Utopia e Comunismo. A inscrição do marxismo na cultura portuguesa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, e *Sol Nascente. Da cultura republicana e anarquista ao neo-realismo*, Porto, Campo das Letras, 2007.

MANUEL DENIZ SILVA é investigador auxiliar no Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos de Música e Dança da FCSH-UNL. Doutorado em musicologia pela Universidade de Paris 8, é co-editor da *Revista Portuguesa de Musicologia* e co-autor de *A Nossa Telefonia: 75 anos de rádio pública em Portugal*.

MARIA ALICE SAMARA é doutorada em História Contemporânea Institucional e Política de Portugal pela FCSH-UNL e investigadora no IHC-UNL. É autora, entre outras obras, de *Viver e Resistir no Tempo de Salazar* (com Raquel Pereira Henriques) e de *Os Cartazes na Primeira República* (com Tiago Baptista).

MARIA-BENEDITA BASTO é *maître de conférences* na Universidade de Paris Sorbonne. Publicou, entre outros, o livro *A Guerra das Escritas. Literatura, nação e teoria pós-colonial em Moçambique* e o artigo «‘Quem é escrito?’ Revolução, alteridade e história conectada no contexto da guerra colonial portuguesa e de libertação moçambicana» (*História, Cultura e Revolução, Via Atlântica*, n.º 21, 2012).

MIGUEL CARDINA é investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde co-coordena o Núcleo de Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz, e pós-doutorando no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. É autor, entre outros trabalhos, dos livros *A Tradição da Contestação. Resistência estudantil em Coimbra no Marcelismo* e *Margem de Certa Maneira. O maoísmo em Portugal, 1964-1974*.

MIGUEL CARDOSO é doutorando em English Studies em Birkbeck College, na Universidade de Londres, professor de Cultura Portuguesa no Centre for International Exchange Education, Lisboa, e tradutor. É também poeta, tendo publicado o livro *Que Se diga Que Vi como a Faca Corta*, bem como diversos textos em várias publicações periódicas.

RAQUEL PEREIRA HENRIQUES é doutorada em História Cultural e das Mentalidades Contemporâneas pela FCSH-UNL, professora de História do Ensino Básico e Secundário e professora auxiliar da FCSH-UNL. É investigadora no Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL e autora, entre outras obras, de *Discursos Legais e Práticas Educativas. Ser professor e ensinar História (1947-1974)*.

RICARDO NORONHA é doutorado em História pela Universidade Nova de Lisboa e investigador no Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL, no âmbito do qual se tem dedicado ao estudo da conflitualidade social e das transformações da economia e da sociedade portuguesa durante a segunda metade do século xx. Contribuiu com capítulos para várias obras colectivas e co-coordenou o livro *Greves e Conflitos Sociais em Portugal no Século XX*.

RUI BEBIANO é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, investigador no Centro de Estudos Sociais e director do Centro de Documentação 25 de Abril. Publicou, entre outras obras, *O Poder da Imaginação: Juventude rebeldia e resistência nos anos 60, Outubro* e, com Elísio Estanque, *Do Activismo à Indiferença. Movimentos estudantis em Coimbra*.

VICTOR PEREIRA é professor auxiliar na Universidade de Pau et des Pays de l'Adour e investigador no Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL. Em 2013, publicou o livro *La dictature de Salazar face à l'émigration. L'Etat portugais et ses migrants en France, 1957-1974* e, em 2010, coordenou, com Nuno Domingos, a obra *O Estado Novo em Questão*.



ALVARO
CUNHAL
POLÍTICA, HISTÓRIA
E ESTÉTICA

foi composto
em caracteres Hoefler Text e
Lt Oksana, e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 80 g,
no mês de Outubro
de 2013.

